

Ex-camelô, radialista, repórter policial, repórter de cidade e tem 25 anos no rádio Amapaense

“Eu era camelô e sempre ligava para a rádio na qualidade de ouvinte, dando opinião e pedindo músicas, até que um dia no ar o Edinho Duarte - que eu ainda não conhecia, falou que queria falar comigo pessoalmente. Então eu fui à rádio, ele disse para mim: 'tenho uma proposta para você, eu gosto de sua voz, você não quer trabalhar na rádio?' Eu aceitei na hora”. Realmente a voz do Neves Vanzele tem um tom único, marcante e inconfundível.

O paraense de 57 anos de idade, Osvaldo Das Neves Lobo Vanzele ou apenas Neves Vanzele, tem 25 anos de rádio no Amapá, começou na década de 80, como repórter policial da antiga rádio Antena Um, hoje a 102 FM.

“Para você ser um repórter policial, você tem que dispor de tempo porque tem que visitar delegacias para saber o ocorrido... porque o fato não tem hora para acontecer, e eu ainda fazia isso de bicicleta! Então se tornava muito cansativo e fora a falta de segurança que o repórter não tem... com isso me roubaram duas bicicletas nas minhas andanças pelas delegacias; aí eu era a notícia, risos. Mas como eu tinha minhas outras atividades fora da rádio, não tava dando para conciliar, porém eu ganhei muita experiência.” Saudosista, ele fala que fez muitos amigos na época em que foi repórter policial, em especial seu grande amigo João Bolero Neto, que até hoje trabalha na área e tem uma grande credibilidade em sua profissão.

Ele saiu da área policial da rádio e foi ser repórter de cidade, e disse que para você ser repórter de cidade, você tem que ser curioso, porque todos os dias têm que ter fatos, entrevistas novas e nunca se ater a um só assunto diário. “Tudo é fato”, ele disse. Neste exato momento sua esposa Jaqueline - que gosta de ser chamada de Jaque - serviu uns biscoitos de coco com Nescau para nós. Já que a Jaque interrompeu o assunto com toda sua delicadeza eu perguntei: “Neves você gosta de cachorros não é? Você tem quatro?”, ele disse: “É para a segurança da casa, Macapá esta muito violenta”. Aí eu entendi o porquê dos muros altíssimos em torno de sua casa e todas aquelas grades nas janelas e portas. “Ele tem mania de segurança”, disse sua esposa.

O que pesa mesmo, para o jornalista, é o furo de reportagem, mesmo que depois o fato seja noticiado por outros jornalistas. O que conta é quem deu

primeiro a notícia. “Na época da queda do avião que transportava a banda Mamonas Assassinas, nós da rádio 102 FM demos primeiro a notícia da tragédia em nível de Macapá”. Ele falou que o repórter tem que ser frio para dar esse tipo de notícia, não se pode deixar levar pela emoção. Segundo ele, precisamos evitar de transparecer os sentimentos, para gerarmos credibilidade à notícia. Porém isso nós só aprenderemos com a prática do dia-a-dia.

“Jornalismo é um dom, você tem que fazer o que gosta porque se você faz algo que não lhe dá prazer, você fica com sua alma presa, isso faz mal à saúde, principalmente à saúde espiritual”.

Ao longo dos seus 25 anos na comunicação Neves Vanzele já foi repórter policial, esportivo e cultural, mas o que ele gosta de fazer é reportagem sobre a cidade porque mostra a realidade do lugar e os seus problemas urbanos. “E tem muito assunto, principalmente nesta nova gestão da prefeitura, mas vamos acreditar que vai melhorar”, disse ele.

“Com tanto tempo no rádio você já teve um programa seu?”, perguntei: “Sim, foi um programa semanal, todos os domingos, porém durou seis meses, porque não consegui mais renovar os contratos com os patrocinadores e infelizmente o programa teve que acabar”, falou com ar de tristeza.

Para o profissional o rádio dos anos 80 para cá se transformou: “Mudou muita coisa, por exemplo, na década de 80 quando eu ia fazer uma reportagem externa, tinha que encontrar um orelhão, colocar uma ficha, aí ligava para a rádio para fazer um link ao vivo. Hoje está tudo mais fácil com a telefonia móvel”.

Para terminar, Neves Vanzele reitera: “O rádio é um meio de comunicação muito rápido. Por que você chega, dá a notícia e simultaneamente já se propaga pelas ondas do rádio, sua informação e eu não me vejo tendo outra profissão. Eu peço a Deus que me dê muitos anos de vida, porque o rádio é uma cachaa, você fica viciado e não quer largar nunca mais”.

Leuton Cunha

Acadêmico do segundo semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

Perfil produzido para a disciplina de Mídia Impressa ministrada pela prof. Roberta Scheibe

Macapá/AP, de março de 2013.